

O AMIGO DA PAZ.

PERIODICO POLITICO.

Publicar-se-ha duas vezes por mez: distribue-se gratuitamente ás pessoas pobres que souberem lêr e quizerem recbel-o na ty-pographia onde é impresso. Aceita-se assignaturas; ficando a arbitrio a importancia, que não excederá de 2,000 reis por trimestre ou serie de 6 numeros.

A redacção só se responsabilisa pelos artigos de fundo.

Anno I.

Theresina 21 de Agosto de 1869.

Numero 23

O AMIGO DO POVO.

Theresina, 20 de Agosto de 1869.

Neste misero paiz onde por via de regra o homem fraqueja sempre—deante dos arreganhos bellicosos dos que se apoderão da *governança*,—onde as bellas parcellas da soberania popular se vêem forçadas, por uma cega fatalidade (?) a abdicar até as faculdades de ser racional, e bem assim a dignidade inherente áquelles que forão feitos à imagem e semilhança de seu divino creador; muitas vezes acontece que o altivo republicano, o homem verdadeiramente cioso de sua independencia e liberdade, é tido inconsideradamente como um ente perigoso,—inimigo da paz e da ordem, que devem reinar para felicidade commum, em torno de pacificos cidadãos que, o que mais ambicionão é a certeza de segurança quer individual quer de propriedade.

Entretanto, n'um paiz onde quasi todos,—excepto meia duzia de *temerarios*,—não deixão de ser amantes a seu rei e senhor, que é reputado, por tanta gente de *bóá fé*, como garantia unica do bem estar da sociedade,—o que nós vemos todos os dias?

Os filhos do povo são agarrados violentamente, espancados, algemados e levados a um matadouro certo, em inhospitas plagas—bem longe da patria!

As filhas do povo são desrespeitadas, sem a menor cerimonia, mésmo no mais intimo do santuario domestico,—levantando para ellas mãos pollutas os alguazis do rei....

Os cidadãos são aqui, alli, e além, incessantemente roubados pelos *publicanos* do governo, que lhes arrancão até o ultimo vintem, para depois da collecta, acumulados esses milhões de óbolos extorquidos em nome da lei,—esbanjar-se afinal sem previdencia nem consciencia—cabendo o melhor quinhão á preciosissima familia que é producto refinado de uma coudelaria imperial.....

O pobre guarda nacional é a bem dizer—um *escravo* faminto e maltrapilho, que obedece estupidamente a mil senhores, desde o cabo de esquadra até o commandante superior, desde o inspector de quartirão até o presidente de provincia—verdadeiro pachá—que humildemente recebe ordens desparatadas dos corruptos vizires do soberbo sultão, tido e havido como filho do sol e neto da lua!.....

A realidade é que os vexames estão por toda parte: a fome, as lagrimas, os suspiros e os gemidos são

o tristerrimo espectáculo que a toda hora se representa no intitulado asylo inviolavel do proletario, quasi nunca respeitado pelos sustentaculos da monarchia.

A indifferença, o medo, o egoismo e constantes queixas de *máo negocio*, dão um certo aspecto sombrio ás mais bem caiadas casas dos burguezes: muitos dos quaes são *nobres*, neste paiz de tetéas e de tantos galões!...

O que é certo—é que ninguem vive satisfeito nesta terra; a menos que não se seja governador ou tyrannete.

De facto, a *anarchia* existe por toda parte! E por certo que não são os republicanos que a mantêm ou que a promovem....

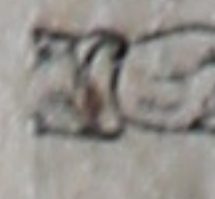
Isto—é, na verdade, um phenomeno muito digno de ser apreciado e admirado.

Trememos noite e dia, diante do actual estado de cousas.... e entretanto estamos em plena *monarchia*; no bello governo da *ordem*; no goso da mais perfeita das instituições humanas, segundo os *prudentes*!.....

Não! Não são os republicanos os que nos fazem tremer, como varas verdes agitadas por forte ventania....

Não! Não são os verdadeiros amigos da liberdade—os que trazem o paiz em constante anciedade.

São os *ordeiros* da monarchia,—a causa do nosso mal.

Não devemos temer diante dos republicanos; devemos tremer, porem, na presença de um estupidarão monarchista da laia, por exemplo, de um Sr. Horacio Ribeiro Soares, de Jerumenha, que a 7 leguas d'aquella villa—mandou ha poucos dias dar  QUINHENTOS AÇOUTES EM UM HOMEM LIVRE E RETALHAR-LHE AS NADEGAS!!!

E quem era esse monstro, que praticou tão horrendo attentado?

Era o delegado de policia: era um agente da monarchia!

Meditem seriamente sobre este facto, que é digno da maior attenção.

Agora, concluamos assim o presente artigo:

VIVA O GOVERNO REPUBLICANO, UNICO QUE PODE FAZER A FELICIDADE DA NAÇÃO!

Em 5 do corrente nos dirigimos á illustrada redacção do « Liberal Piauiense » para nos fazer o obsequio de publicar um pequeno artigo a respeito de um infeliz guarda nacional deste imperio braganti-

no—que se occupava então em fazer adobos para um certo official que, a pretexto de tel-o como seu ordenança ou camarada, lhe estava tirando o serviço quasi como se elle fosse seu escravo.

Os distinctos jornalistas apressarão-se em nos satisfazer, em seu n.º 31 de 7 do corrente; chamando alem disso a attenção do presidente da provincia e chefe de policia sobre tão estranho facto.

Agradecendo a solicitude e bondade com que os illustres collegas se dignarão nos attender, com o que egualmente prestarão não pequeno serviço á causa publica; cumpre-nos vir rectificar aqui o facto escandaloso que alli denunciámos á opinião publica.

Eis o artigo supra mencionado:

« Illm.ºs Srs. redactores do *Liberal Piauhyense*.

« Theresina, 5 de agosto de 1869.

« Como por esses 15 dias não me seja possivel publicar um numero do meu pequeno periodico, por quanto depois d'amanhã tenciono partir para a villa da União, onde me leva o estado valetudinario de minha mulher, rego-lhes por isso o obsequio de darem á luz—estas linhas.

« O velho major Tavernard tem um filho barbadinho, official da guarda nacional, actualmente empregado no serviço da guarnição da praça.

Esse bom official tem ás suas ordens um pobre guarda nacional destacado, não sei sob que titulo, mas provavelmente no character de camarada ou ordenança—o qual chama-se *Hippolito*—nome esse muito bem assentado, por que, como V. S.ºs sabem quer dizer— *cavallo de pedra*.

« O desgraçado Hippolito occupa-se presentemente em fazer adobos, contra sua vontade.

« Em fazer adobos, é verdade!

« Oh! se elle por ventura commetteu alguma falta, parece que não se lhe devia impôr a pena irrisoria de—fazer adobos: o conde de Lippe é um pouco mais sisudo, segundo creio.

« Em conclusão, assevero a V. S.ºs. que o velho major Tavernard é homem religioso, muito ordeiro, e sevêro como bom monarchista que é, e se presá ser: peço-lhes por tanto q' não fação mau juízo d'elle, suppondo talvez que haja *esperteza* nesse negocio de adobos.

« O que devemos crêr é que Hippolito foi condemnado temporariamente á—pena de fazer adobos.....

« Isso não lembra, porem, d'alguma sorte, o despotismo asiatico?

« Demos pois um retumbante viva ao sultão desta Turquia Americana!

« O leal *servidor* do estado é por natureza ingenuo: a culpa do mau governo não é d'elle por certo.

« Dêem suas apreciaveis ordens ao—De V. S.ºs.—collega e amigo muito attencioso e obrigado.

« O redactor do *Amigo do Povo*. »

Castellar.

O grande republicano da península iberica, o Mirabeau hespanhol, teve occasião de pronunciar

estas bellissimas palavras, no recinto do congresso constituinte de sua patria: admirem os nossos leitores este specimen de sublime peroração:

« Temos ouvido dizer aqui que se proteja o catholicismo por que é a religião verdadeira. Costuma dizer-se que neste lado da camara ha preoccupações contra a religião catholica; mas só se lembram dos oradores dissidentes da religião do estado. Outros teem dito que são catholicos. Eu, senhores, vou declarar a minha consciencia á camara, como poderia manifestal-a a Deos, no dia de juizo.

« Eu não pertenco ao mundo da theologia e da fé. Pertenco ao mundo da philosophia e da razão.

« Porem, se houvera de volver ao mundo de que me afastei, não iria para a religião protestante cuja aridez me murcha a alma: volveria ao sagrado altar que me inspirou os mais elevados sentimentos de minha vida; volveria ao templo onde echoaram as minhas primeiras orações; volveria a implorar á Virgem Santa que com seu brando sorriso serenou as minhas primeiras paixões; volveria a embeber o meu espirito no aroma do incenso, no som do orgão, na luz coada pelos vidros de côres e reverberada sobre as douradas azas dos anjos, ternos companheiros da minha imaginação na sua infancia; e ao exhalar o ultimo suspiro pediria um asylo á cruz, a cuja sombra sagrada está o lugar que mais amo e mais respeito na terra,—a sepultura de minha mãe. (Applausos de todos os lados da camara.)

A pedido.

Marvão, 20 de julho de 1869.

—Sr. Redactor do « Amigo do Povo. »—Lendo por casualidade o n. 81 do « Piauhy » deparei com uma noventa arengada, sob a epigraphe —a pedido— e tendo pela leitura das primeiras linhas conhecido que era cousa de *mané*, atirei o papeluxo para o lado, afim de ter o *destino* proprio— como porém, as vezes *gasto aquillo de q' não gosto*, para variar; fiz um supremo esforço para concluir a leitura sem ser suffocado pelo fumo de tanto incenso pôdre; e tive o prazer de vêr que não me enganei no todo, no juizo que havia formado do autor do escripto, que com a maior ingenuidade confessa ser tôlo!

Não duvido que assim seja, mas desconfio que alem de telice haja velhacaria; porque já conheci um sugeitô que queixava-se que certo figurão lhe havia tomado um cavallo de sella, mas que nada dizia com mêdo de morrer, e até para que não desconfiassem, sugeitou-se a limpar o *grande uniforme* do cavallo, cavou de enxada na roça d'um genro do cujo dito, concertou curral para vaccas de leite.

Já se vê q' este era mais matreiro do q' Cassiano Bispo da Silva, se é que este depois de solto fallava do commandante por causa daquelle *maldito negocio*, o que duvido, porque Cassiano depois que chegou,—foi para o Ceará conduzindo gados, e foi preso em caminho no seu regresso.— Não duvido que o

tôlo que escreveu o artigo, possa arranjar documentos para mostrar que Cassiano não é viuvo com filhos; porque como pôde acontecer que tendo um pobre idiota assignado um papel em branco para um requerimento, afinal haver um vaqueiro que o transforme em papel de venda de escravo; tambem pôde acontecer que haja algum parente que atteste essa falsidade.—De uma cousa tenho consciencia, e é, que os que commettem taes e quejandas perseguições, lançando a orphãas no caminho da prostituição, tirando-lhes o arrimo, por mais que procurem com os fumos alcoolicos illudir a consciencia, esta hade accusal-os constantemente.

Um inimigo de injustiças.

Independencia, 12 de julho de 1869.

Lemos em uma correspondencia de Piracuruca, impressa no *Amigo do Povo*, que Lopez o tyrante do Paraguay tendo fugido para a Bolivia, como afirmára o *invicto* marquez, hoje duque de Caxias, surgio em Piracuruca, onde encontrando Estigarribia, com elle se reunio, e tem ali posto em pratica suas costumadas barbaridades.

Muito nos aterrorizou a estada d'aquelle tyranno, perto de nós, pois se o temiamos no Paraguay que é tão longe; quanto mais em Piracuruca, que é tão perto: entretanto não podemos deixar de pedir-lhe, que, visto estar reunido a Estigarribia, mande buscar Fr. Duarte, que se acha nesta villa, fazendo o diabo a quatro e a quatorze, o qual tendo sido um de seus mais leaes servidores, muito lhe hade servir, nas excursões que anda fazendo; alem d'isto, Fr. Duarte é um perverso, que não tem dó e nem piedade de ninguem, e são estes os que bem lhe podem servir: esperamos pois que o mandará buscar quanto antes.

Sentimos que os nossos patricios de Piracuruca soffrão mais esse flagello, mas já que suportão a dois (Lopez e Estigarribia,) têmão paciencia e carreguem com mais Fr. Duarte.

Não se agastem: têmão resignação, pois pode ser que elles ainda têmão sorte igual se não pior da que tiverão em Uruguayana; esperem pois no futuro, e confiem em Deos.

Z.

Piracuruca.

Dialogo entre os dois meninos Moraesinho e Silvino, no caminho da Ingazeira.

Silvino.—Este banho da Ingazeira, já não presta; é preciso mudarmos para outro pôço.

Que novidade ha? Vc. que anda mais do que eu, deve saber o que se passa nesta villa.

Moraes.—Nem por isso. Só sei que o Zé Felix, sahe a manhã para Theresina, tirar a cadeira, e que o Florencio, do velho Cunha, vai hoje buscar o Germaninho.

Silvin.—Buscar o Germaninho! Isto é possível? Da ida do José Felix, eu já sabia porque vi o pasaporte que papai deu a elle, mas da vinda do Germaninho, é o que eu não sabia, e nem posso acreditar.

Moraes.—Ora veja! E por que não acredita? Pois fique sabendo que o Germaninho, vem cuspir na Piracuruca.

Silvino.—E o Dr. Simplicio, o que faz?

Moraes.—Come canella.

Silvino.—Virgem Maria, como é que se faz isso com o Dr.

Elle que tinha jurado rapar a cabeça do Germaninho—vêl-o agora com cabellos ainda, passear por suas barbas... deve ficar inchando!

Moraes.—E o que tem lá isso?

Inche muito embora, pode inchar até *vir a furo*; não ha de dar geito—quem não pôde não se mette—assim diz o Cartucho quando joga o pacão.

Silvino.—Ora tibes. Então de que servio tanto papel estruido em circulares, que o Dr. espalhou, recommendando a captura do Germano? De que servio tanto barulho, tantas ameaças, tantos protestos, incommodando gente de toda a parte, fazendo uma trovoada tamanha, para ficar agora com cara de caxôrro que leva pancada, por ser apanhado lambendo pilão?

Moraes.—Tudo isso era pomada, Silvino. O Dr., só tem roncaria. Chegou aqui roncando como um bisouro, mas já está manso como uma borbolêta! Elle só arma cacunda com os pobres dos carrapatos, por que são hoje defuntos sem choro. Elle só é valente com o Raimundo Caetano, com o pobre do Cabral, aleijado velho, que não faz mal a ninguem; mas com os Trindades, elle abaixou a grimpa.

Silvino.—Na verdade que perdi a fê de tal homem.

Bem diz o ditado.—Quando verem muito trovão, é signal de pouca chuva. O Dr. já nem *ronca* mais. Entendo, cá para mim, que essa vinda do Germano, é uma desmoralisação para o Dr., é um acinte feito a seo amôr proprio e orgulho.

Moraes.—E agora tinha pouco que vêr. Simplicio, não é lá para competir com Trindade. Elle é que estava illudido, pensando que sêbo é gordura. Quem é Simplicio?

Um matuto, que era caçadôr de tatús, no curral de pedras; que andava encoirado de perneira e gibão no campo, com os moleques fabricas; por ir uns annos em Pernambuco aonde jogou mais do que estudou, vem agora querendo dar leis—fazendo-se tão divino—aqui aonde todos o conhecem—não sabe ainda que ninguem é profeta em sua terra. Pobre patêta!

Silvino.—Com effeito! Isso é que se chama ir vêr lâ, e vir tosqueado. Elle queria rapar a cabeça do Germano, mas, Germano, é que rapou a cabeça d'elle!

Foi uma bella lição, que lhe passarão os Trindades!

Moraes.—Silvino, se tu me guarda um segredo, vou contar-te uma cousa.

Silvino.—Ora se guardo: tú sabes que eu sou filho de pai.

Moraes.—Pois bem, fica para depois do banho. Até.

Transcrição.

Beijamão no Brasil e na Turquia.

A verdade antes de tudo.

Mais de uma vez referindo-nos ao africano beijamão do Brasil, dissemos que só a Hespanha de Isabel II acompanhava-nos n'esta repugnante idolatria.

Foi-se Isabel II; e quando pensavamos, entristecidos na viuvez do Brasil em materia de beijamão, eis que um correspondente de Constantinopla, para uma folha franceza, vem dizer-nos que na Turquia tambem se beija a mão do Turco-mór!

Deus é grande! O genio do Brasil nunca o desampará! Se Isabel II escapa-nos, fica-nos o Grão-turco!

Releva, porém, notar, que ha uma differença a nosso favor: na Turquia chama-se beijamão a uma cerimonia em que *não se beija a mão*; isto é, nós beijamos a mão do nosso pai Pedro, e os turcos beijam uma fita, exposta nas mãos de um camarista ao lado esquerdo de seu pai Abdul.

Nós, que beijamos, archivemos para os nossos filhos, que hão de beijar, a descripção da solemnidade turca. Ao menos poderemos nós e poderão elles dizer com toda ufania aos *invejosos* que não comprehendem a sublimidade do beijamão:— Nós Brasileiros somos os Turcos da America!

Ouçamos o correspondente de Constantinopla:

« As ceremonias do *bairão* tiverão lugar aos 14 de janeiro, no interior do palacio do Sultão, e não em publico como de costume. E' conhecida a solemnidade ordinaria, por occasião d'estas ceremonias do *bairão*. E' passado o mez do jejum e da expiação, e o mundo musulmano inaugura a nova lua com festas que durão quatro dias. O Sultão, em sua qualidade de kalifa, profere a palavra que põe termo ao *ramazan*, ao nascer do sol, perante os fieis reunidos em uma das maiores mesquitas da capital.

« A cerimonia religiosa da mesquita é ordinariamente seguida da cerimonia do beijamão. O Sultão senta-se em um throno levantado para este dia no pateo do *Bab Houmaïoum*. Seu herdeiro presumptivo conserva-se de pé á sua direita, e a sua esquerda um camarista expõe nas mãos uma fita de seda e ouro, sobre a qual os altos funcionarios, desfilando-se por diante de S. M., imprimem seus labios. Esta cerimonia, impropriamente chamada beijamão, é muito pittoresca pela variedade e riqueza dos vestidos dos funcionarios de todas as classes, que são *admittidos a semelhante honra*. De alguns annos para cá levanta-se em cada *bairão*, uma tribuna para o pessoal do corpo diplomatico e consular.»

Não é magnifico?

Vivam o Brasil turco e a Turquia brasileira!

(Da Opinião Nacional.)

Parte Noticiosa.

◊ **deputado fedelho.** — Na brilhante carreira em que atirou-se aquella famosa lesma roncadôra,—aquella cataracta de mentiras—aquelle pélogo de infamias,—muito breve eclipsará os trastes mais vis deste baixo imperio!

Pedro II fal-o-ha barão de Guaribas; e o alcayote Itaúna deixará de ser o melhor lacaio do mysterioso paço.

Não vêem que bonita estrêa fez o menino cabeçudo na cadea velha do Rio de Janeiro?

Não vêem como se lhe afeiçãoou o Mercurio do myrrado Camaragibe, aquelle *domestico* prelado que tem um nome immortal nos annaes de Panellas?

Não vêem como o formoso *Eurialus* foi festejado por certos cappadocios, que não podendo resistir as graças do nené de fofas,—estiverão em constante hilaridade durante as denominadas sessões de 30 de junho e 3 de julho?

Ah! Que não lhe ficasse a denegrída lingua reduzida a carvão, depois de ter ella agitado-se tanto—lá dentro d'aquella fornalha de inspirações diabolicas! . . .

Victoria da dictadura.—Lê-se na *Imprensa* de 18 deste mez, o seguinte:

« No domingo 8 do corrente, na povoação do Puty, a dictadura ostentou-se arrogante e furiosa. A pretexto de recrutamento cercou-se, varejou-se e correu-se diversas casas!

Uma pobre velha, sogra do ferreiro Luiz Romão Abbade, segundo nos informão, enlouqueceu pela surpresa que lhe fizeram os soldados, entrando no interior de seu quarto, onde ella se achava em repouso.

Alguns homens tratavão do enterramento de um cadaver nas ruinas do templo que ali existe; forão bruscamente atacados pelos *caçadores*,—corrêrão deixando o cadaver insepulto!

Conta-se que houverão convites a algumas familias desta cidade para irem passar o dia na povoação, com o fim de testemunharem a ostentação do poderio, e da arbitrariedade! E' até onde pode chegar o cynismo!

E o guarda nacional destacado, homem do povo, filho do povo, e irmão do indicado para victima, futura victima da prepotencia, no dia em que deixar essa farda que tanto o avilta e degrada, é quem se presta ao desempenho do papel de cão de caça, e alguns mostrando-se desejosos de melhor servir e agradar!

Quando comprehenderão esses homens que não devem prestar-se a servir de algozes de seus patricios?!

Muito pode a ignorancia.

◊ **Recrutadas.**—Hontem (17) sahio desta cidade uma força conduzindo 23 homens algemados para as charqueadas de Lopez! A guerra está *acabada*; em Assumpção já existe um *governo* provisorio, feitura do Sr. Paranhos, inspiração do Sr. D. Pedro II, e no entretanto diariamente vão sendo enviados novos contingentes para a guerra de honra do imperio! O que houve de mais notavel por occasião da sahida desses pobres homens,—foi testemunhar toda a cidade a satyra dolorosa e pungente que os dominadores atiravão-lhe na hora em que elles saudosos, e debilhados em amargo pranto, deixavão a terra natal! Viu-se uma banda de musica, sustentada e mantida com o producto do que é extorquido ao guarda nacional destacado, vir tocando alegres peças á frente da escolta, que conduzia victimas da prepotencia, do odio, e do rancor—para os festins do imperial senhor! . . . E o povo. . . mostrou-se indifferente a essa scena de agonia! . . . E o guarda nacional destacado que ia escoltando as victimas. . . mostrava-se até riçoso. . . Ah! o dia de amanhã mostrará a um e outro os males de seu indifferetismo!

A musica atravessou o rio Parnahyba, e esteve na villa de S. José das Cajazeiras até as 8 horas da noite!

Não foi bastante o espectáculo pomposo nas ruas d'esta cidade! A ostentação exigiu que fosse bem despertada a attenção dos habitantes da provincia vizinha!

◊ **Fome e crueldade.**—Os meninos do estabelecimento dos educandos teem soffrido fome medonha; e se teem o desaforo de fallar são levados a castigos cruéis!

Em dias da semana passada, um menino, alem de levar muitas palmatoadas nas mãos, levou bastantes nos sollados dos pés, e algumas nas faces!

Esse menino chama-se Lauriano, segundo nos informou pessoa que sabe do facto.

Theresina.—Impresso na typographia da « Imprensa. »—1869